

A *Expertise* docente de Domingos Affonso Machado e sua obra de aritmética

The teaching *Expertise* of Domingos Affonso Machado and its work of arithmetics

L'*Expertise* pédagogique de Domingos Affonso Machado et son travail d'arithmétique

Waléria de Jesus Barbosa Soares
SEMED – São Luís, Maranhão, Brasil

Marcos Denilson Guimarães
Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Bacanga, São Luís, Brasil

RESUMO

Na busca em tempos não tão atuais, envereda-se ao espaço ludovicense entre as duas últimas décadas do século XIX e quatro primeiras do século XX. Isto porque, neste período, os jornais e as revistas se encarregavam de apresentar o professor e autor do livro “Questões Práticas de Arithmetica” (1895), Domingos Affonso Machado, como um exemplo de profissional da educação. Neste sentido, através da presente pesquisa buscou-se investigá-lo a partir de sua história de vida e profissional, sua produção e *expertise* no campo educacional. O presente texto, de metodologia qualitativa, constitui uma pesquisa de abordagem documental, que utiliza fontes primárias dos arquivos da Biblioteca Pública Benedito Leite, do Arquivo Público do Estado do Maranhão e do Liceu Maranhense. Tem-se como aportes teóricos principais os estudos sócio-históricos que vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores suíços, os quais consideram o conjunto de saberes profissionais dos professores dos anos iniciais como uma elaboração histórica, bem como de pesquisas que mobilizam esses referenciais no âmbito da própria história da educação matemática brasileira. Acredita-se que descortinar histórias de vida e de vida profissional de professores autores de livros didáticos de matemática do século XIX, aproxima-nos do entendimento de como se constituiu a formação de professores que ensinavam matemática no local e tempo investigados – contribuindo, portanto, para compor um quadro de *experts* no Brasil.

Palavras-chave: Formação de professores. Matemática. *Experts*. Saberes profissionais.

ABSTRACT

In the search in times not so current, we entered the Ludovicense space, between the last two decades of the 19th century and the first four decades of the 20th century. This is because, in this period, newspapers and magazines were in charge of presenting the professor and author of the book “Questões Práticas de Arithmetica” (1895), Domingos Affonso Machado, as an example of an education professional. In this sense, through this research we seek to investigate Domingos Afonso Machado, his life and professional history, his production and *expertise* in the educational field. The present text, of qualitative methodology, constitutes a research of documentary approach, which uses primary sources from the archives of the Public Library Benedito Leite, the Public Archive

Submetido em: 08 de julho de 2020.

DOI:

Aprovado em: 12 de agosto de 2020.

<http://dx.doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2020.n34.p120-137.id266>

of the State of Maranhão and the Liceu Maranhense. The main theoretical contributions are the socio-historical studies that have been developed by swiss researchers, who consider the set of professional knowledge of teachers in the early years as historical elaboration, as well as researches that mobilizes these references within the scope of history of Brazilian mathematical education. It is believe that unveiling life and professional life stories of teachers who wrote 19th century mathematics textbooks, brings us closer to understanding the formation of teachers who taught mathematics at the time and place investigated - thus contributing to compose a cadre of experts from Brazil.

Keywords: Teacher training. Mathematics. *Experts*. Professional knowledge.

RESUMÉ

À la recherche d'une époque moins actuelle, nous sommes entrés dans l'espace Ludovicense, entre les deux dernières décennies du XIXe siècle et les quatre premières décennies du XXe siècle. En effet, à cette époque là, les journaux et les magazines étaient chargés de présenter le professeur et auteur du livre «Questões Práticas de Arithmetica» (1895), Domingos Affonso Machado, comme un exemple de professionnel de l'éducation. En ce sens, à travers de cette recherche, nous cherchons à enquêter sur Domingos Afonso Machado, sa vie et son histoire professionnelle, sa production et son *expertise* dans le champ de l'éducation. Le présent texte, de méthodologie qualitative, constitue une recherche d'approche documentaire, qui utilise des sources primaires provenant des archives de la Bibliothèque Publique Benedito Leite, des Archives publiques de l'État du Maranhão et du Liceu Maranhense. Nous avons comme principales contributions théoriques les études socio-historiques développées par des chercheurs suisses, qui considèrent l'ensemble des connaissances professionnelles des enseignants dans les premières années comme une élaboration historique, ainsi que les recherches qui mobilisent ces références dans le cadre de histoire de l'enseignement mathématique brésilien. Nous pensons que le dévoilement des histoires de vie et de vie professionnelle des enseignants qui ont écrit des manuels de mathématiques du XIXe siècle nous rapproche de la compréhension de la constitution de la formation des enseignants qui enseignaient les mathématiques à l'endroit et au temps étudiés - contribuant ainsi à composer un cadre d'experts du Brésil.

Mots clés: Formation des enseignants. Mathématiques. *Experts*. Savoirs professionnelles.

INTRODUÇÃO

Voltamos no tempo, especificamente, ao século XIX. Uma nova busca começou. Procurávamos por livros didáticos de matemática publicados por maranhenses. Então, desembarcamos na capital São Luís, onde nos deparamos com uma sociedade com problemas não muito diferentes daqueles que atingiam o resto do país.

Sabíamos que antes da Imprensa Régia, em 1808, era difícil encontrar autores de livros didáticos no Brasil, mesmo porque a maioria dos livros vinha da Europa, escritos por autores franceses e portugueses, principalmente.

Sabíamos também, que somente em meados do século XIX, quando o livro didático passou a ser o estruturador das disciplinas escolares, que sua produção realmente cresceu, as livrarias ampliaram suas funções e intensificou-se a função do professor como autor. Sobre esses autores, Bittencourt (2004, p. 481) lembra que “com maior ou menor

autonomia, foram os criadores de textos didáticos que possibilitaram a configuração de uma produção nacional, com características próprias”.

Encontramos, então, o que procurávamos: os livros didáticos de Matemática. Soares (2018) nos informa que foram mais de trinta publicados por maranhenses, tanto no Maranhão quanto em outras localidades, inclusive, no exterior. Entre estes livros, “Questões Práticas de Aritmética”, publicado em 1895, chamou nossa atenção por dois motivos: a) seu autor, Domingos Affonso Machado, foi o professor de Matemática mais citado pelos jornais e revistas maranhenses no período em que desenvolveu atividades como docente, de 1883 a 1938, ano de sua morte; b) o autor trabalhou no Liceu Maranhense e na Escola Normal, escolas que, entre outras instituições, formavam professores de Matemática ou que ensinavam matemática (normalistas) no Maranhão.

Essas informações nos levam a um primeiro ensaio sobre a temática dos *experts* em educação, tomando como local de produção o estado do Maranhão. Partimos de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental, buscando aqui analisar, que papel teve Domingos Affonso Machado para a produção, sistematização e objetivação de saberes que, ao longo do tempo, foram ditando modelo e ganhando *status* de *saberes a e para ensinar* no ensino e formação de professores dos primeiros anos escolares daquele Estado. A referência a esses saberes parte do entendimento de que cada um deles possui características próprias, mas que não coexistem separados, tendo em vista estarem intimamente articulados. Os *saberes a ensinar* estão filiados aos campos disciplinares, configurando-se como objetos de trabalho/ensino do professor numa determinada época e nível escolar; já os *saberes para ensinar* são os “saberes próprios do ofício docente, constituindo as suas *ferramentas* de trabalho, na tarefa que têm os professores de formar pessoas” (VALENTE, 2019, p. 53, grifo do autor). A constituição desses saberes não é algo simples de apurar. O seu movimento deve ser observado ao longo do tempo, em situações de decantação, de estabilização, de consensos e de sistematização, quando se torna passível de ser reproduzido, comunicável e apropriado.

Sobre o termo *experts* citado anteriormente, é visto como uma lente teórica de pesquisa mobilizada a partir de Hofstetter et al. (2017), os quais julgam ser o *expert* um sujeito dotado de certa *expertise*¹. Ainda para esses pesquisadores, o resultado complexo de um conjunto de experiências adquiridas dentro de um quadro profissional, que se dá mediante a apropriação de ferramentas profissionais, resulta nessa *expertise*. O domínio dessas ferramentas e sua aplicação em diferentes situações práticas fazem desse sujeito um produtor especializado de saberes. Em outras palavras, a *expertise* é o “reconhecimento da competência daquele que detém os saberes necessários para realizar tarefas que lhe são designadas, o *expert*” (MORAIS, 2017, p. 62, grifo da autora). Ao se apropriar desse discurso, Morais (2020) enfatiza também que, por serem responsáveis pelas mudanças dos saberes matemáticos no ensino e na formação de professores que ensinam matemática, tais personagens são tidos como vetores de objetivação de saberes, com participação decisiva

¹ Hofstetter et al. (2017) definem a noção de *expertise* como “uma instância, em princípio reconhecida como legítima, atribuída a um ou a vários especialistas – supostamente distinguidos pelos seus conhecimentos, atitudes, experiências -, a fim de examinar uma situação, de avaliar um fenômeno, de constatar fatos” (p. 57).

na produção de novos saberes no campo pedagógico. Será Domingos Machado um desses sujeitos?

Nesta nossa tentativa, além de buscarmos conhecer o autor-professor, por meio da sua biografia, também buscamos evidenciar a produção do seu livro, ancorando esta pesquisa nestes autores suíços. Com estudos dedicados à uma aproximação sócio-histórica entre as relações profissionais, saberes e formação, os textos da base teórica suíça (HOFSTTETER et al., 2017) fomentam também uma discussão acerca de processos e dinâmicas de constituição de saberes que formam a identidade profissional do professor. O objetivo maior da pesquisa desses autores suíços é investigar como esses saberes (a e para ensinar) se transformam e ganham visibilidade em propostas de ensino e formação de professores primários dando-lhes ao final um caráter de profissionalidade docente via *expertise*.

No campo de construção deste texto, enveredamo-nos por fontes primárias dos arquivos maranhenses, como: Biblioteca Pública Benedito Leite, Arquivo Público do Estado do Maranhão e Liceu Maranhense. Para Cellard (2012), esses arquivos públicos remetem à uma documentação geralmente volumosa e organizada segundo planos de classificação, complexos e variáveis no tempo. Desse modo, acabam sendo responsáveis por salvaguardar e preservar histórias que permitem identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade foi pensada, construída e dada a ler pelos distintos modos de ver dos sujeitos de cada época (CHARTIER, 1990). Assim, constrói-se um sentido que é produzido historicamente por meio de registros e sinais do passado, cabendo ao historiador transformar documentos em fontes de pesquisa. Sobre esse entendimento corrobora Ragazzini quando disse que a fonte é “uma *construção* do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica” (RAGAZZINI, 2001, p. 14, grifo do autor). Envolvemo-nos em histórias contidas em textos, livros, notícias de jornais, documentos escolares e concordamos com Ferrarotti (2010, p. 45), quando diz que “se todo o indivíduo é reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”.

Cabe mencionar que a seleção e a escolha do material que subsidiaram esta pesquisa se justificam por ter sido um dos manuais escolares encontrados e analisados (na pesquisa doutoral) pela primeira autora deste texto, além de possuir fácil acesso para consulta.

Enfim, “viajamos” à capital maranhense, São Luís, e buscamos em mais de cinco décadas conhecer Domingos Affonso Machado, sua vida, sua produção, para compreendermos sua *expertise*. A ideia aqui tomada foi partir da hipótese de que Domingos foi um *expert* no seu tempo, tendo em vista sua participação ativa na formação ou no ensino, a partir da produção de seu livro. Portanto, ao longo da tessitura deste texto enveredamos pelos passos encontrados em Morais (2020), que destaca algumas etapas que nos ajudaram a guiar essa construção. Segundo essa autora, partindo da hipótese de que um personagem é um *expert*, as fases seguintes consistem em: ii) reconstruir sua trajetória relacionando-as aos contextos em que/nos quais ele circulou; iii) evidenciar sua participação na elaboração de novos saberes, da(s) matemática(s) *a e para ensinar*.

Evidência essa possível mediante a comparação entre os saberes produzidos e os que estavam em circulação sobre o objeto estudado, e, por último, confirmadas as etapas anteriores, iv) reconhecer esse sujeito com um *expert* sobre aquilo que foi produzido, confirmando, dessa maneira, a nossa hipótese de pesquisa (MORAIS, 2020).

BIOGRAFIA DO PROFESSOR MACHADINHO

O que carregamos na nossa “mochila de conhecimentos” adquiridos na construção do nosso processo de formação profissional? Carregamos marcas adquiridas durante a nossa trajetória de vida.

Imaginemo-nos em um processo de formação em que todos abram seus diários de vida e diários de vida profissional. Ali, escondidas nas entrelinhas, encontram-se autobiografias que podem contribuir para o entendimento do outro e de suas práticas. Podemos aprender com nossa biografia, mas também podemos aprender com a biografia dos outros, daqueles que foram os antepassados profissionais dos professores de Matemática atuais (VALENTE, 2008). Nesse sentido, construir um texto biográfico nos possibilita tomar alguém como personagem.

Igual um detetive ou jornalista investigativo seguimos pistas, vestígios (GINZBURG, 2002) em busca da construção de uma biografia para Domingos Affonso Machado, pois acreditamos que “o tempo não passa sem deixar rastros, resíduos” (JOSÉ, 2012, p. 12). Vemos a biografia como um documento relevante no que diz respeito ao conhecimento sobre a história de vida de uma pessoa, incluindo nomes, locais, fotos e datas dos principais acontecimentos. Sobre a importância da história de vida, concordamos com Paulilo (1999), para quem, a história de vida, além de incorporar experiências subjetivas mescladas a contextos sociais, fornece ingredientes importantes para o entendimento sobre a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos. Portanto, a biografia contribui quando surge como uma possibilidade de revelar aspectos do fenômeno educativo até então não investigados.

Domingos Affonso Machado nasceu em São Luís, no dia 05 de julho, ano ainda desconhecido, do século XIX. Era filho de D. Rosa Gonçalves da Silva Machado e José Gonçalves Machado, este, guarda-livros e diretor-geral da Companhia de Navegação a Vapor, em São Luís.



Figura 1 – Domingos Affonso Machado.
Fonte: Revista Maranhense, 1920.

Muito jovem já trabalhava no comércio de São Luís como caixeiro, mas antes dos 20 anos de idade, largou o escritório e foi se dedicar aos estudos. Casou-se com Maria Magdalena de Freitas Machado, filha de Emilia Godinho de Freitas, e com ela encontramos registro de ter tido pelo menos três filhos: José Gonçalves Machado Netto, Joaquim de Freitas Machado e Rosa Emilia de Freitas Machado (Sinhá Machado). Sobre seus filhos podemos dizer que José foi telegrafista, Joaquim foi chefe de sua turma do Colégio Militar, onde prestou exame de admissão e foi aprovado brilhantemente em todas as matérias, e Sinhá Machado, aluna exemplar do Liceu, tornou-se diretora do Grupo Henrique Leal (REVISTA MARANHENSE, 1918).

Sobre sua formação, no ano de 1870, Machado obteve aprovação com louvor, em 1º lugar, no ensino primário pelo Colégio de São João Batista, pertencente à freguesia de São João Batista, na capital maranhense (PUBLICADOR MARANHENSE, 20/12/1870). É interessante observar, que treze anos mais tarde, ele foi aprovado em concurso público para ocupar a vaga de professor primário do 2º grau da mesma escola (PUBLICADOR MARANHENSE, 23/09/1883). Esta é a primeira escola que temos registro do professor Machado, que passou a ser chamado carinhosamente por seus alunos de professor Machadinho. Anterior a esse período ele dava aulas particulares.

O interesse em se aperfeiçoar na docência fê-lo se submeter ao exame de madureza, que significava que, caso fosse aprovado em todas as disciplinas dos exames gerais, receberia um diploma de Bacharel em Ciências e Letras. Esse diploma dava algumas regalias para quem o tinha. Por exemplo, ocupar cadeira pública sem concurso, principalmente ocupando cargo de lente do próprio Liceu ou mesmo da Escola Normal, caso não houvesse nenhuma normalista para a vaga pretendida. Assim em 1877, ele foi aprovado em Álgebra (O PAIZ, 31/07/1880) e, no ano de 1884, foi aprovado nas demais cadeiras, incluindo Português, Aritmética e Geometria (O PAIZ, 29/11/1884).

O ano seguinte foi difícil para o professor Machadinho. Acometido de Beribéri², - doença que atingiu algumas regiões do Brasil, talvez associada a hábitos alimentares causando principalmente cansaço e inchaços pelo corpo que podia levar a problemas cardíacos e até atrofias musculares (MAGALHÃES, 2014) -, pediu licença de um ano para tratar da saúde.

Esse período coincide com o tempo em que ele esteve em várias viagens com destino a Pernambuco, pois frequentava o curso de Direito desde 1883 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 07/03/1883). Temos apenas a informação de que Machadinho concluiu até o 3º. ano deste curso, porém encontramos registro de que ele foi nomeado 1º suplente de juiz de direito da 2ª vara da capital para o biênio 1/7/1926-30/6/1928 (O IMPARCIAL, 30/03/1927), desenvolvendo ainda outros trabalhos na área. Isso se deu por que de acordo com o artigo 38, da Lei nº. 1.272 de 18 de março de 1827, “os suplentes de juiz de direito serão nomeados, por dois anos, pelo presidente do Estado, dentre cidadãos de reconhecida idoneidade” (MARANHÃO, 1827, p. 8).

² De acordo com Magalhães (2014), Beribéri é uma doença decorrente da deficiência de vitamina B no organismo humano. Sobre as regiões brasileiras afetadas no Brasil Oitocentista cita 20 estados brasileiros, dentre eles Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Alagoas, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais etc.

Machadinho passa a se dedicar ainda mais à docência, mesmo sendo professor de primeiras letras concursado, em 1891, se submeteu aos exames da Escola Normal, sendo aprovado plenamente com distinção. Sobre essa atitude declarou a direção da escola “o ato do professor Domingos Affonso Machado é prova do seu amor ao ensino” (A CRUZADA, 13/01/1891, p. 3). Após a aprovação de Machadinho nos exames da Escola Normal, ele logo ocupou uma vaga de professor.

Dividido pelo ensino de matemática e de português, optou pela segunda, ao concorrer, em 1892, a uma vaga para o Liceu Maranhense. Em um concurso acirrado, com plateia cheia nas dependências do palácio do governo, Machadinho e o professor Antonio Pacífico da Cunha disputaram ponto a ponto. Machadinho, com sua didática, ficou em primeiro lugar e, Antonio Pacífico, posteriormente foi chamado para ocupar a cadeira de Literatura (PACOTILHA, 28/07/1892).

Em 1895, Machadinho publica seu primeiro e único livro “Questões Práticas de Arithmetica”. Em 1896, junto com o professor Raimundo Pacífico da Silva Campos, funda o Instituto São José, instituição escolar primária e secundária que funcionava como internato, externato e semi-internato.

O século XX chega e com ele o professor Machadinho não para. São tantas participações em bancas de concursos, exames de admissões, exames finais em diversas escolas, que fica impossível citar tudo nestas linhas. Além de desenvolver atividades como professor, ele também se envolveu intimamente com o seu trabalho enquanto diretor do Liceu Maranhense, diretor da Escola Normal, diretor do Instituto São José e professor de várias instituições de ensino particular. Observamos, com isso, uma corrida por parte de Machadinho por uma especialização pedagógica, isto é, por saberes do ofício docente que definem o seu campo de atividade profissional, o qual diz respeito a planos de estudos, instruções, finalidades, estruturas administrativas e políticas (HOSFTETTER; SCHNEUWLY, 2017). Sobre as várias instituições citadas, podemos dizer sobre algumas que,

O professor Domingos Machado ensinou no Seminário das Mercês, no colegio de S. Sebastião (do cônego Chaves); no colejio de Nazaré (d. Rosa Nina); da Conceição (das d. d' Aldaljiza e Eujenia Serra), no colejio de Santa Rita de Cassia (de Domingos Costa); na Escola Normal, de que era lente catedrático; e no colejio de Santa Ana (de d. Raimunda Miranda). Continua a ensinar no colégio de Sagrado Coração de Maria (das Rozas); no Lyceu Maranhense, em que é lente catedrático de Portuguez; no Instituto S. José, [...]. Ensina também em algumas cazas de pessoas amigas. (REVISTA MARANHENSE, nov./1917, p. 182)

Enquanto diretor de escolas, concordamos com Valente (2016, p. 408) que esse papel de “orientar professores, promover encontros, reuniões para a discussão do ensino e do aproveitamento escolar”, possivelmente possibilitaram chegar até ele referências para o ensino, ou seja, os *saberes para ensinar*. Ademais, essas diferentes atribuições de ensino podem tê-lo possibilitado construir ferramentas e discursos para o ensino de saberes, sobretudo, matemáticos.

Difícilmente iremos encontrar um professor tão querido quanto demonstrava os anúncios de jornais. Seus alunos realizavam saraus dançantes no dia de seu aniversário em praças públicas. Poesias eram oferecidas a ele nas linhas dos jornais e revistas. Seus alunos se chamavam discípulos de Machadinho, com orgulho, o que o fez ter sido considerado como uma das figuras de maior relevo do magistério maranhense, merecendo, assim, “a sincera simpatia e respeito que lhe atribuem professores e alunos” (O IMPARCIAL, 05/07/1929, p. 2).

Domingos Affonso Machado faleceu no dia 10 de janeiro de 1938. De alunos, a ex-alunos, colegas de profissão e admiradores, todos se entristeceram. A notícia de sua morte estampou os jornais do Maranhão. O Secretário Geral do Estado Dr. Boanerges Ribeiro, que respondia pelo expediente da Interventoria e o prefeito de São Luís, Dr. Pedro Neiva de Santana, determinaram que fosse hasteada a meia verga em todas as repartições públicas municipais e estaduais (O IMPARCIAL, 21/02/1938).

A partir de toda essa trajetória percebemos o quanto Machadinho atuou no cenário educacional do estado do Maranhão. De professor primário à lente catedrático do Liceu Maranhense e da Escola Normal, Machadinho adquiriu uma notória experiência agregando à sua formação profissional um olhar mais aguçado para o ensino de Aritmética na formação de professores primários maranhenses. Todavia, buscamos investigar que conhecimentos, atitudes e experiências legitimariam a sua suposta identificação como um *expert* em educação.

QUESTÕES PRÁTICAS DE ARITMÉTICA E OS SABERES A/PARA ENSINAR

A partir da metade do século XIX, em todo o Brasil, foi um marco para a história da produção didática, pois as tipografias investiram não só em publicar jornais, mas em livros didáticos, também.

Como já dito, a única produção do professor Machadinho a que temos registro é o livro “Questões Práticas de Arithmetica”. A obra foi publicada em 1895, em São Luís, Maranhão, pela Tipografia Frias Filho & Cia.

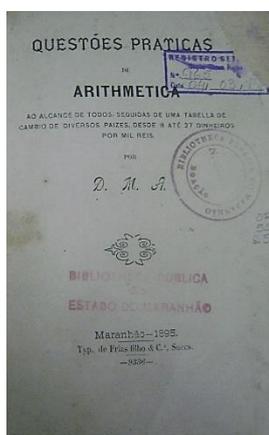


Figura 2 – Capa do livro “Questões Práticas de Arithmetica”.
Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite.

Na capa há a inscrição de que a obra está ao alcance de todos e ainda contém uma tabela de câmbio de diversos países, que vai desde 08 até 27 dinheiros por mil réis. As tabelas se referem às moedas mais utilizadas no século XIX: da Inglaterra, França, Estados Unidos e Portugal.

A obra contém 23 páginas, das quais apenas as 17 primeiras apresentam os conteúdos de Aritmética. As demais páginas são das tabelas de câmbio, como ressaltadas em sua capa.

Quadro 1: Conteúdos do livro “Questões Práticas de Arithmetica”.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Regra de Trez	03
2	Regra de Trez Simples Directa	04
3	Regra de Trez Simples Inversa	05
4	Regra de Trez Composta	06
5	Cambio	08
6	Juros	10
7	Desconto	13
8	Regra de Companhia	15

Fonte: Machado, 1895.

A partir dessa descrição de conteúdos nota-se que o professor Domingos buscava levar os professores a adquirirem os *saberes a ensinar*, ou seja, os conteúdos escolares e disciplinares historicamente objetivados (HOFSTETTER; SCHNEUWLY, 2017): regra de três simples e composta, câmbio, juros e desconto. Os conteúdos também eram apresentados numa sequência semelhante aos livros de Aritmética da época, indo do que se considerava mais simples para o mais complexo, das partes para o todo numa clara referência ao método sintético.

Observamos ainda que, para cada conteúdo, o autor trouxe somente um único exemplo, não apresentando sequer outros exercícios resolvidos ou para resolver. Isto seria contraditório quando levamos em consideração o termo “práticas” presente no título da obra, pois acreditamos que, na época, os exercícios eram os elementos que reforçavam a prática dos alunos. Porém, nada temos de informações de que outros exercícios pudessem ser realizados durante a aula ministrada em sala.

Ainda sobre esses exemplos, pensamos que a forma de o autor apresentá-los por meio de situações do contexto, visava facilitar o entendimento dos conteúdos:

Bento, João e Francisco constituíram uma sociedade durante certo tempo, findo o qual houve um lucro liquido de 600.000. O primeiro entrou com 200.000, o segundo com 300.000 e o terceiro com 500.000. Pergunta-se qual deve ser o ganho de cada um ?

Figura 3 - Exercício no livro de Machado.

Fonte: Machado, 1895, p. 15.

A forma, como esses conteúdos e exemplos são apresentados, dão-nos indícios dos *saberes para ensinar*, ou seja, a forma como o autor gostaria que o professor ensinasse e o aluno aprendesse. Esses são os saberes próprios da profissão docente (BERTINI; MORAIS; VALENTE, 2017). Ao que parece, o termo “práticas” refere-se a esse tipo de questão que trazia implícitas situações cotidianas, de modo que o professor fizesse a escolha por aquelas que interessavam os alunos.

Pela organização dos conteúdos referentes ao ensino de Aritmética encontrados nos livros de matemática da época, percebemos que o livro “Questões Práticas de Aritmética” tinha dois fins: um para o ensino de comércio e outro para o ensino de Aritmética, pois os seus conteúdos estavam de acordo com os oferecidos nas disciplinas de Aritmética e Comércio das escolas da época.

Nesse sentido, supomos que o livro possa ter sido utilizado em cursos de comércio oferecidos nas escolas ludovicenses, justamente pelo fato de a atividade comercial ser uma prática bastante utilizada e, que, por isso, os professores precisavam dominá-la, principalmente porque os estudantes precisavam dos conteúdos do livro para seus ofícios de comerciantes (SOARES, 2016).

Sobre as aulas de aritmética, esta foi a área da Matemática que Machadinho mais fez apresentações e participou de bancas. Ousamos dizer que o livro possa ter sido utilizado por ele nas escolas em que trabalhou.

Quando o autor ressalta que o livro está “ao alcance de todos” nos faz entender que ele pode ser utilizado por qualquer aluno, em qualquer nível, ou mesmo um amante da temática. Choppin (2000) diz que a função de um manual escolar é facilitar a aprendizagem, poupando esforços inúteis para aprender. Dessa forma, acreditamos que o livro “Questões Práticas de Arithmetica” pretendia, da forma como foi escrito, ser de fácil compreensão para qualquer um que desejasse aprender. Ademais, a ideia de publicar uma obra “ao alcance de todos” parece ter sido uma *tática* utilizada pelo autor para “turbinar” a sua produção, adoção e, conseqüentemente, sua circulação pelo Estado e/ou pelo país.

ESCREVENDO UM LIVRO, FORMANDO PROFESSORES: A *EXPERTISE* DE MACHADINHO

Recorrer à trajetória pessoal e profissional de Machadinho nos possibilita identificar os caminhos percorridos por ele e que lhes possibilitaram uma participação mais efetiva na formulação e definição de políticas educacionais para o seu estado. Segundo Castellanos (2010), enquanto Província, o Maranhão se destacou pelas obras produzidas pelos professores, em especial, aqueles que lecionavam no Liceu Maranhense, no Instituto de Humanidades e na Sociedade Onze de Agosto.

Sobre os autores e/ou professores de Matemática maranhenses, não podemos esquecer ainda que, muitos deles, filhos dos grandes senhores do Maranhão, tiveram a oportunidade de estudar fora do país, principalmente na Europa, de onde voltavam bacharéis e doutores em Leis, Filosofia, Medicina, Matemática, etc (MEIRELES, 2001).

Nesse contexto, temos Machadinho, que foi professor, autor, diretor, além de outras funções. Buscamos evidências de que, a partir de seu trabalho e produção,

Machadinho se encaixa como sujeito da *expertise*, isto é, um sujeito que tem o domínio das ferramentas e as aplica em diferentes situações de cunho prático.

Acreditamos que seria pouco provável que o professor Machadinho ao escrever uma obra sobre Aritmética e ser professor de Aritmética em várias instituições de São Luís, não utilizasse sua obra nessas escolas, visto que no próprio prefácio do seu livro temos que ele estaria ao alcance de todos. Ou ainda, seria também pouco provável que ele escrevesse uma obra que caminhava longe dos conteúdos previstos para o ensino de Aritmética da época.

Machadinho formava professores de Aritmética pelo Liceu Maranhense e, também, formava professores que ensinavam Aritmética pela Escola Normal. Para o século XIX, isso seria um considerável indício para identificarmos sua *expertise*.

Pensando que Machadinho poderia ter utilizado o seu livro na Escola Normal ou no Liceu Maranhense no período em que atuava como professor ou mesmo diretor, analisamos os seguintes documentos existentes, na busca de identificarmos se os *saberes a ensinar* do livro de Machadinho estavam de acordo com os mesmos, o que seria inclusive, uma evidência do uso do livro e da *expertise* do professor:

- Regulamento da Escola Normal de 1890
- Regulamento da Instrução Pública de 1893
- Regulamento do Liceu Maranhense de 1893
- Regulamento da Escola Normal de 1905
- Programa da Escola Normal de 1930
- Programas aprovados para os cursos Normal e Complementar, no ano de 1934.

Sobre o Regulamento da Escola Normal de 1890, o curso estava dividido em três anos e, a Aritmética estava nos dois primeiros anos, onde no 1º. ano era estudado até as proporções, e no 2º ano, os demais saberes. De acordo com os saberes aritméticos dos livros da época, supomos que a Aritmética de Machadinho estava contemplada no programa.

O Regulamento da Instrução Pública de 1893, ainda estava em vigor no ano de publicação da obra de Machadinho (1895). Os *saberes a ensinar* contidos no livro estavam compreendidos no ensino primário, quando se tratava da cadeira de: Aritmética prática e comercial, que compreendia o cálculo de juros, regra de três, sistema métrico decimal, raízes. Assim também, esses mesmos saberes estavam presentes no Regulamento do Liceu no que se refere ao primeiro ano, onde os *saberes a ensinar* da Aritmética estavam concentrados no 1º ano do curso.

O Regulamento da Escola Normal passa por uma reformulação. Em 1905, a instituição compreendia um estabelecimento de ensino profissional, que se destinava ao preparo de professores que deveriam ministrar o ensino nas escolas primárias do Estado. O curso passou a ser dividido em quatro (4) anos e a cadeira de Matemática passou a contemplar aritmética, álgebra, geometria e trigonometria, ainda que seus saberes continuassem subdivididos. Dessa forma, a Aritmética estava contemplada apenas nos dois

primeiros anos. Assim, encontramos os saberes aritméticos *a ensinar* do livro de Machadinho no segundo ano, entre eles, Regra de três e Juros simples.

No Programa da Escola Normal de 1930, agora dividida em cinco anos, tínhamos a matemática presente apenas nos três primeiros anos. Os programas foram assinados da seguinte forma: 1º e 2º anos, pela professora Jesuína de Amaral Bezerra; e, 3º ano, pelo professor José de Arimateia Cysne. Os *saberes a ensinar* compreendidos no livro de Machadinho continuavam ainda todos presentes no programa do 1º ano. Assim, entre outros conteúdos, trazia: Regra de Três, Regra de Três Composta, Câmbio, Juros, Desconto e Regra de Companhia.

Em 1934, a Escola Normal continuava com seu curso em cinco anos. Em seu regulamento para este ano, a matemática estava presente nos quatro primeiros anos. Os programas foram assinados novamente pelos professores do Regulamento anterior, agora da seguinte forma: 1º e 2º anos, pela professora Jesuína de Amaral Bezerra; 3º e 4º anos, pelo professor José de Arimateia Cysne. Os saberes de Aritmética *a ensinar* do livro de Machadinho se encontravam no programa do 2º ano: Juros, Desconto comercial e Câmbio. O conteúdo Regra de Companhia não aparece. E, apesar de a Regra de três não aparecer, supomos que estava implícita na resolução de problemas sobre Grandezas proporcionais, Porcentagem, Valor das fórmulas. Outro ponto a considerar é que todos esses saberes poderiam ser revistos no 3º ano, pois este programa destaca a revisão de conteúdos do 1º e 2º anos.

Constatamos assim, através dos regulamentos e programas existentes, no período em que o professor Machadinho exercia suas funções na docência, que o seu livro poderia ter sido usado nas instituições de ensino primário, Escola Normal e Liceu, estando “ao alcance de todos”. Quando constatamos que os programas escolares conversam com conteúdos do livro de Machadinho, encontramos “indícios que dizem do processo de institucionalização desse saber, legitimado por meio de normatizações, disciplinarização, produção de livros didáticos, dentre outros” (BERTINI; MORAIS; VALENTE, 2017, p. 34).

Enquanto autor, quando observamos que os *saberes a ensinar* apresentados em seu livro segue a mesma linha de outros autores, como as considerações realizadas no tópico anterior já mencionadas, entendemos que acontece a naturalização do objeto, ou seja, a objetivação. E nesse ponto podemos dizer que “a produção e a objetivação de saberes é um produto histórico e a *expertise* participa dele” (BERTINI; MORAIS; VALENTE, 2017, p. 21, grifo dos autores).

Quando pensamos em seu trabalho enquanto professor, que transmite *saberes a e para ensinar*, que participa da escolha de livros, que escreve um livro didático ditando *saberes a ensinar*, que ministra aulas e seus alunos o compreendem como discípulos, demonstrando que seus *saberes para ensinar* foram aceitos pelos futuros professores, nos leva a entender que ele possui *expertise*, pois ela também “é realizada por pessoas do meio escolar, isto é, pela profissão docente” (HOFSTETTER et al., 2017, p. 67). Essa nossa afirmação advém do fato de que a escolha dos saberes e a sua transformação em saberes a ensinar é, segundo Hofstetter e Schneuwly (2017, p. 133), “resultado de processos complexos que transformam fundamentalmente os saberes a fim de torná-los ensináveis”.

Em outras palavras, a institucionalização da *expertise* precisa ser analisada na sua longa duração, já que a cada tempo histórico avaliam-se estratos de *expertises* diferentes, podendo inicialmente ser realizada pelos “homens de bem”, como “pastores, professores, filantropos, que têm por missão construir uma escola pública a fim de generalizar o acesso à instrução elementar” (HOFSTETTER et al., 2017, p. 56), evoluindo para níveis cada vez mais codificados, diferenciados e especializados.

Todas essas funções de Machadinho no Liceu e, principalmente, na Escola Normal, evidencia-nos que ele teve uma *expertise* para aquele seu tempo, ou seja, uma tarefa que lhe foi confiada pelas autoridades de ensino “tendo em vista a necessidade de tomar uma decisão” (HOFSTETTER et al., 2017, p. 57, grifo dos autores)

Nesse sentido, Machadinho também organizou saberes, pois era presença constante nas reuniões do Conselho Superior da Instrução Pública, do qual participava como um dos conselheiros, reuniões estas que aconteciam no Liceu para definir o ensino. “Sua palavra nos conselhos de instrução tornou-se uma necessidade, discutia com ânimo as questões de ensino e defendia os educandos” (O IMPARCIAL, 21/02/1938, p. 1).

Quando participava das Congregações dos Lentes do Liceu ou da Escola Normal, cabia-lhe assistir as provas de concursos ou exames admissionais e de madureza, além de decidir sobre o andamento dos estudos na instituição. Passava então, pelo aval do professor Machadinho, se um candidato estava apto a se formar, seja se formando como bacharel pelo Liceu ou professor normalista pela Escola Normal. Ou seja, um personagem bastante atuante no espaço em que circulava.

Vale ainda mencionar que, quase na mesma época de publicação desse seu livro, outros autores maranhenses também divulgaram as suas obras. Exemplo disso é a obra intitulada “Tratado de Arithmetica”, apresentada à sociedade maranhense por João Antônio Coqueiro. A segunda edição da obra, reeditada no ano de 1897, foi impressa no Rio de Janeiro pela Tipografia Casa Monte Alverne e indicada para as escolas de instrução secundária, colégios e liceus. A primeira edição de 1860, publicada em Paris pela Imprensa W. Remquet & Cia, foi analisada por Soares (2017) em sua tese de Doutorado. Segundo ela, além da boa impressão apresentada pelo livro, o autor traz sinais matemáticos bem definidos nas expressões, recorre enfaticamente à álgebra e na apresentação dos exercícios revela elementos da sua experiência de vida para as questões. Tratou-se de uma obra que circulou pelo Distrito Federal, Rio de Janeiro, Maranhão, no Liceu Maranhense e, em Minas Gerais (SOARES, 2017). Na visão do próprio autor, seu livro objetivou “apresentar a sciencia de uma maneira rigorosa e ao mesmo tempo clara; de modo que, aquelle que seguisse cuidadosamente nossas lições, podesse com segurança empheender o estudo das outras partes mais elevadas das sciencias mathematicas” (COQUEIRO, s.d., p. VII).

O índice das matérias, divididas em oito livros, denota a marcha de ensino seguida por Coqueiro (s.d.). Do conteúdo de Numeração – Operações fundamentais, passando pelas propriedades dos números inteiros, teoria dos números decimais, medidas, potências e raízes, aproximações numéricas, razões, progressões e logaritmos e aplicações, esse autor vai inicialmente encaminhando seus leitores para o conhecimento das definições formais exigidas na aplicação posterior desses *saberes a ensinar* na resolução de exercícios, bem como na observação das questões resolvidas.

Apesar das singularidades e continuidades observadas anteriormente, a recorrência feita a Coqueiro (s.d.) nos mostra que a obra “Questões Práticas de Arithmetica” do professor Machadinho é uma obra um tanto diferenciada, não somente pelos saberes a ensinar evidenciados, mas também, pela pretensão de convencer os professores a alterarem as suas práticas mediante a incorporação de novos saberes profissionais voltados para a atividade comercial. Ademais, quando o autor ressalta que o livro está “ao alcance de todos” nos faz entender que ele pode ser utilizado por qualquer aluno, em qualquer nível. Choppin (2000) diz que a função de um manual escolar é facilitar a aprendizagem, poupando esforços inúteis para aprender. Dessa forma, tudo leva a crer que o livro “Questões práticas de Arithmetica” apresenta uma linguagem acessível por pretender ser de fácil compreensão para qualquer um que desejasse aprender. Todavia, outros livros e documentos da mesma época podem ainda nos esclarecer de fato os limites dessa obra e sua articulação com a formação do professor normalista maranhense.

Após todo esse contexto, acreditamos que Domingos Affonso Machado foi um *expert* em seu tempo, pois foi reconhecido pela comunidade a que pertencia e pela sociedade em que viveu, sempre em relação à sua *expertise* profissional (MORAIS, 2017). Há de considerarmos de qual contexto temporal estamos falando: a realidade do século XIX ou primeiras décadas do século XX é bem diferente dos nossos dias atuais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Conhecer a história de Machadinho, parente profissional tão distante no tempo, mas não no espaço, leva-nos, enquanto professores de Matemática, a acreditar que “seguimos o nosso caminho profissional na expectativa de melhor utilizar a herança que esses parentes nos deixaram profissionalmente, construindo novas práticas e saberes com esse legado” (VALENTE, 2008, p. 23).

Acreditamos na sua *expertise*. Um *expert* deveria tomar decisões. Enquanto professor, uma de suas funções era tomar as decisões sobre o roteiro de ensino, além de servir nos concursos e exames realizados durante sua carreira docente e nos quais deve tomar parte em virtude das leis e regulamentos que regiam o ensino.

Em outras palavras, ao observar as disciplinas de formação do professor primário e a organização interna dos conteúdos apresentados pelo professor Machadinho, percebemos que o livro “Questões Práticas de Aritmética” tinha um fim predominantemente comercial. Ao que tudo indica, esse autor se utilizou do regulamento estabelecido, no qual constava o ensino de uma aritmética teórica, prática e comercial, para apresentar à sociedade um livro que estivesse alinhado com essa proposta. Essa por ter sido uma das estratégias (DE CERTEAU, 2014) utilizadas por Machadinho para impor às escolas, aos professores e aos normalistas em formação o uso de seu material mediante a apresentação de sua metodologia, de seus conteúdos e normas de ensino. Nesse sentido, supomos ainda que o livro possa ter sido utilizado em cursos de comércio oferecidos nas escolas ludovicenses. Essa informação nos leva a pensar que a atividade comercial era uma prática bastante utilizada na época e que por isso os professores precisavam dominá-la.

Ele produziu uma obra que poderia ser utilizada na formação de professores. Acreditamos que sua obra contribuiu para organização de roteiro de aulas, já que os seus saberes *a ensinar*, saberes esses que os professores deveriam ensinar seus alunos, estavam compreendidos nos programas de ensino de aritmética da Escola Normal e do Liceu. Afinal, se, Machadinho sabendo das obrigações de suas funções, principalmente na formação de normalistas pela Escola Normal, escreveria ele um livro que iria de encontro ao regulamento das escolas primárias?

Segundo Castellanos, os professores, no século XIX, “elaboraram seus trabalhos para serem adotados nas disciplinas que lecionavam, e que pelos resultados obtidos nas suas práticas no ensino, passam a ser adotados em outros estabelecimentos do Maranhão, como em outras localidades do país” (CASTELLANOS, 2010. p. 285). Cremos que a resposta à pergunta seja “não”, visto que só encontramos nas notícias de jornais atributos positivos quanto a sua conduta enquanto profissional da educação.

E, enquanto diretor? Entre suas atribuições estava: expedir ordens quanto à realização dos exames, determinando datas, horários e composição das mesas, e isso deveria ser comunicado ao governador para que ele conhecesse o dia que se iniciaria os exames. Além de participar de bancas, Machadinho também devia participar das reuniões das congregações, onde era decidido sobre o programa das disciplinas.

Sobre o Conselho Superior da Instrução Pública, cabia entre outras funções: organizar os regimentos do Liceu, da Escola Normal, e do ensino primário, a ser aprovado pelo governo; além de organizar os programas de ensino primário, secundário e normal; dar parecer sobre livros e compêndios, e adotá-los para os estabelecimentos de ensino.

Concordamos também que “[...] inspetores, professores do primário e do secundário, diretores de escola. Eles são ‘experts’ pelo fato de que conhecem perfeitamente o ofício docente e nele se destacam” (HOFSTETTER et al., 2017, p. 67). Machadinho exerceu todas essas funções, e, portanto, ele foi um *expert* de sua época.

REFERÊNCIAS

BERTINI, L. de F.; MORAIS, R. dos S.; VALENTE, W. R. **A Matemática a ensinar e a Matemática para ensinar: novos estudos sobre a formação de professores**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

BITTENCOURT, C. M. F. Autores e editores de compêndios de livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, 30(3), set./dez. 2004, p. 475-491.

CASTELLANOS, S. L. V. **Práticas leitoras no Maranhão na primeira república: entre apropriações e representações**. São Luís: EDUFMA, 2010.

CELLARD, A. A análise documental. In.: POUPART, J. et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes. Tradução de: Ana Cristina Arantes Nasser.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

- CHOPPIN, A. Passado y presente de los manuales escolares. In: BERRIO, J. R. **La cultura escolar de Europa** - Tendências históricas emergentes. (Memória y crítica de La Educacióón). Madrid: Biblioteca Neva, 2000, p. 107-141.
- COQUEIRO, J. A. **Tratado de Arithmetica**. Paris: W. Remquet & Cia, s. d. Disponível em:
cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20170720165700.pdf
f. Acesso em: 01 out. 2019.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 21. ed., 2014.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____. **Mitos, Emblemas e Sinais**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- HOFSTETTER, R.; SCHNEUWLY, B. Saberes: um tema central para as profissões do ensino e da formação. In: HOFSTETTER, R.; VALENTE, W. R. (Orgs.). **Saberes em (trans)formação: tema central da formação de professores**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- HOFSTETTER, R et al. Penetrar na verdade da escola para ter elementos concretos de sua avaliação - A irresistível institucionalização do expert em educação (século XIX e XX). In: HOFSTETTER, R.; VALENTE, W. R. (Orgs.). **Saberes em (trans)formação: tema central da formação de professores**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- JORNAL A CRUZADA, 13 de janeiro de 1891, p. 3.
- JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 07 de março de 1883, p. 2.
- JORNAL O IMPARCIAL, 30 de março de 1927, p. 2.
- _____. 05 de julho de 1929, p. 2.
- _____. 21 de fevereiro de 1938, p. 1.
- JORNAL O PAIZ, 31 de julho de 1880, p. 3.
- _____. 4 de setembro de 1884, p. 2.
- _____. 29 de novembro de 1884, p. 2.
- JORNAL PACOTILHA, 28 de julho de 1892, p. 3.
- JORNAL PUBLICADOR MARANHENSE, 20 de dezembro de 1870, p. 2.
- _____. 23 de setembro de 1883, p. 2.

JOSÉ, E. **Memória, cultura e literatura** – O prazer de ler e recriar o mundo. São Paulo: Paulus Editora, 2012.

MACHADO, D. A. **Questões práticas de arithmetica**. Maranhão: Frias & Filho, 1895.

MAGALHÃES, S. M. **Beribéri**: a doença misteriosa no Brasil oitocentista. História Unisinos, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 1, jan./abr. 2014, p. 158-169.

MARANHÃO. Lei nº. 1.272, de 18 de março de 1827. **Coleção das Leis e Decretos do Estado do Maranhão do ano de 1927**. São Luís: Imprensa Nacional, 1928.

_____. **Programa da Escola Normal de 1930**. São Luís: Typ. dos Frias, 1930.

_____. **Programas aprovados para os cursos Normal e Complementar, no ano de 1934**. São Luís: Imprensa Nacional, 1934.

_____. **Regulamento da Escola Normal de 1890**. São Luís: Typ. dos Frias, 1893.

_____. **Regulamento da Escola Normal de 1905**. São Luís: Typ. dos Frias, 1905.

_____. **Regulamento da Instrução Pública de 1893**. São Luís: Typ. dos Frias, 1893.

_____. **Regulamento do Liceu Maranhense de 1893**. São Luís: Typ. dos Frias, 1893.

MEIRELES, M. M. **História do Maranhão**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

MORAIS, R. S. **Experts em educação e a produção de saberes no campo pedagógico**. REMATEC/ano 12/n. 26/set-dez. 2017, p. 61-70.

MORAIS, R. S. Abordagem teórico-metodológica da pesquisa sobre a produção de novos saberes por experts em educação. Seminário Temático – Os experts e a sistematização da matemática para o ensino e formação de professores, 2020, Cuiabá. **Anais...Cuiabá**, 2020, p. 1-19. Disponível em : <https://drive.google.com/file/d/1gkS1Z7wn5LgSsFO4ZIBKuNVjMuhNIAWa/view>. Acesso em: 08 jul. 2020.

PAULILO, M. A. S. A Pesquisa Qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 1, jul./dez., 1999. p. 1-153.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar**, Curitiba, n. 18, 2001, p. 13-28.

REVISTA MARANHENSE, 1920.

_____. nov./1917, ano 2.

_____. jul./1918, ano 3.

SOARES, W. J. B.; SILVA, C. M. S. **Uma história sobre o ensino de juro**s. Curitiba: Appris, 2016.

SOARES, W. J. B. Uma história da matemática escolar na cidade de São Luís do século XIX: livros, autores e instituições. 2017. 280 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Física Gleb Wataghin, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322675>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SOARES, W. J. B. **XIX – uma história, uma cidade e os primórdios da matemática escolar**. Curitiba: Appris, 2018.

VALENTE, W. R. Quem somos nós, professores de matemática? **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 74, jan./abr. 2008, p. 11-23.

_____. O saber: uma questão crucial para a institucionalização da educação matemática e profissionalização do educador matemático. *Perspectivas da Educação Matemática. Revista do programa de pós-graduação em educação matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)*, vol. 9, n. 20, 2016.

_____. Programas de ensino e manuais escolares como fontes para estudo da constituição da matemática para ensinar. **Alexandria**, Florianópolis, v. 12, n. 2, nov./2019, p. 51-63.

Waléria de Jesus Barbosa Soares

SEMED – São Luís, MA, Brasil

E-MAIL: walleria_soares@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6022-9670>

Marcos Denilson Guimarães

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís,
Brasil

E-MAIL: markito_mat@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9967-4624>